

DANZA DUENDE

Dancing your life !

"When consciousness shines the Duende begins. If Art can be Duende, life can be Duende too !"



Oriente Duende

Yumma Mudra, vendredi 28 août 2009, 13:09

Francisco, o meu amigo poeta, costumava ligar-me regularmente para me perguntar : « Então, Já começaste a aprender Dança Oriental ? » Mandava-me de vez em quando páginas de revistas para me in-formar sobre o assunto. Havia dois anos que estava determinado em convencer-me a me converter a esta disciplina totalmente desconhecida.

Dansava desde sempre. Logo que consegui segurar-me nas minhas duas pernas, quis dançar. Era uma certeza e também uma obsessão. Então ensinaram-me a esforçar as pernas « en-dehors », a suspender o meu corpo na ponta dos pés, a olhar para mim mesmo fixamente no reflexo do espelho, a bater dos pés em ritmo e a contratempo também.

Mais tarde, virei-me para práticas mais interiores como a ioga ou mais marciais como o Shotukan, mas eu ignorava tudo dos círculos, das ondulações lânguidas, do camelo, da serpente, do abandono do corpo no movimento. Tinha-me quase esquecido que a minhas ancas, o meu peito, o meu ventre poderiam tocar música também. E quando a Dança Oriental me domesticou finalmente, descobri uma nova sensibilidade, uma doçura, uma feminidade delicata á flor da pele que se desenvolveu aos poucos no meu coração. O coração tenro, profundo e terrível da Mãe.

Do Oriente a Dança Oriental só tem a aparência ; ela é universalmente feminina. Antes de mais é soberana do natural. Ela exige do corpo, dos músculos, da pele, que se relaxam. Aquirindo suavidade, uma sorriso sobe aos lábios e ondulamos com generosidade, trememos com

vigor. Deixamos de ser uma mulher com uma idade, com um rosto, um nome, uma história, não ! É muito mais do que isso, descobrimos em música A Mulher, Aquela que vem da lua e que se escondia atrás o véu dos enganosa.

Não estou a falar de se cobrir de fantasia nem de ouro, de prata ou de seda para deslumbrar o público ou para tentar uma competição lamentável com Salomé, nutrindo-se impiedosamente dos suores libidinosos de alguns predadores frustrados, fascinando-se até a cegueira com o brilho do nosso próprio umbigo. Ai nos espera a alhada da vaidade, os ciúmes ruins que nos afastam de nos próprias e dos outros, que nos afastam do essencial.

A Dança oriental é das mais naturais do mundo. Nasceu espontaneamente. Respira-se simplesmente ente irmãs sem idades, sem preconceitos, em grande cumplicidade. O seu encanto hypnotisa tanto aquela que dança como quem a vê dançar. Sua sensualidade acaricia a alma e podemos de repente realizar o nosso espírito num corpo. A autenticidade faz a sua beleza que não pertence a ninguém mas que cada bailarina revela numa luz nova.